

## O papel da educação na construção da inteligência emocional de mulheres presidiárias na cidade do Recife

*The role of education in the construction of female inmates' emotional intelligence in the city of Recife*

**Maria Sandra Montenegro Silva Leão**

Universidade Federal de Pernambuco

**Sebastiana Célia da Silva**

Universidade Federal de Pernambuco

**Silvana Freire**

Universidade Federal de Pernambuco

---

**Resumo:** Este artigo é resultado de uma pesquisa de campo que teve por objetivo conhecer o potencial da educação ofertada em um presídio feminino da cidade do Recife, no sentido entender se contribui ou não com a construção da inteligência emocional de mulheres privadas de liberdade. Em função da própria natureza do fenômeno estudado e da escolha teórica, o trabalho se caracteriza como qualitativo, uma vez que busca as atribuições de sentidos e ressignificações do vivido. Utilizamos a análise de documentos, observação e entrevistas para tecer uma compreensão mais profunda das narrativas das mulheres encarceradas. A análise de conteúdo foi a técnica utilizada para a interpretação inferencial. O critério para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi a inserção, no contexto escolar, dos sujeitos regularmente matriculados e frequentando as aulas. O contato com as mulheres encarceradas teve a duração de seis meses e o acompanhamento teve a participação de seis mulheres encarceradas. Os resultados obtidos demonstram que o encarceramento em si não é um facilitador do desejo de estudar e de aprender; entretanto, as mulheres que demonstraram interesse em participar das atividades escolares melhoraram o aprendizado e encontraram no estudo uma forma de repensar os atos praticados antes da prisão e afirmaram tentar viver uma reeducação interna, buscando seu autoconhecimento para lidar melhor com suas emoções. Concluímos que deveria haver um trabalho dentro dos presídios, direcionado ao desenvolvimento da inteligência emocional, o que facilitaria o desenvolvimento de processos internos voltados para o autoconhecimento.

**Palavras-chave:** Inteligência emocional. Educação. Mulheres presidiárias.

**Abstract:** The article is the result of a field research project that investigated the potential of the education offered in a female prison in the city of Recife in order to understand whether it contributes to the construction of female inmates' emotional intelligence. Due to the very nature of the phenomenon studied and the theoretical choice, the research is qualitative, since it focuses on the meanings and significations attributed by the subjects. We analyzed documents, observation and interviews to arrive at a deeper understanding of the incarcerated women's narratives. Content analysis was the technique used for inferential interpretation. The research subjects were chosen based on their insertion in the educational context, since they were duly enrolled in and attending the classes. The

contact with the inmates lasted six months and the follow-up was attended by six incarcerated women. The results obtained demonstrate incarceration itself; it is not a place that favors the desire to study and learn. However, women who showed an interest in participating in school activities improved their learning, found in the study a way of rethinking the acts practiced before prison, and claimed that they were trying to experience internal reeducation by seeking their self-knowledge to cope with their emotions. We concluded that there should be work directed to the development of emotional intelligence inside the prisons.

**Keywords:** Emotional Intelligence. Education. Female Inmates.

---

## Introdução

*Partir!  
Nunca voltarei,  
Nunca voltarei porque nunca se volta,  
O lugar a que se volta é sempre outro,  
A gare a que se volta é outra.  
Já não está a mesma gente,  
Nem a mesma luz, nem a mesma filosofia.*

Álvaro de Campos

Este artigo é resultado de uma pesquisa que aborda a construção da inteligência emocional dentro de um presídio feminino na cidade do Recife. Partimos do pressuposto de que toda prática educativa está voltada ao cuidado com a vida do ser humano; portanto, a educação desenvolvida em qualquer instituição lida com as diversas dimensões humanas: cognitiva, corporal, mental, emocional, relacional, espiritual, dentre outras. Neste sentido, elegemos o tema ‘inteligência emocional’ e levantamos a seguinte questão: é possível a educação escolar não formal desenvolver uma melhora na inteligência emocional de mulheres que foram condenadas à prisão? O que essas mulheres encarceradas têm a dizer de sua possível ‘transformação’ a partir de sua atuação no processo escolar vivenciado dentro do presídio?

Esta segunda questão está apoiada na compreensão de que o nosso aprendizado não é algo que apenas vem de fora para dentro, mas ocorre em uma relação dinâmica, interacional entre o que é trazido pelo sistema escolar e como o estudante se torna responsável pelo seu aprendizado, buscando superar seus próprios

limites e elaborando seu percurso para aprender a transformar a própria existência. Portanto, aprender é, simultaneamente, um processo externo e interno, que só tem sentido se o que aprende\ensina incorpora todo um repertório ressignificado a vida em sua inteireza.

A escolha pelo local e por mulheres em condição de existência periférica foi devido à constatação da situação de preconceito em relação à mulher. Em pleno século XXI, a mulher ainda é vista como alguém de menor valor, que trabalha muito e recebe menos que os homens pela mesma tarefa, principalmente em países da América Latina e África. A violência contra as mulheres também foi um fator para a escolha do contexto da pesquisa. A violência muitas vezes desencadeia respostas também violentas, seja física, verbal ou emocional, e pode provocar medos, fragilidades, reações de respostas violentas e perda do controle de seus atos.

Infelizmente o humano tem constituído sua vida, muitas vezes, baseando-se na violência, na subjugação do outro. Tem sido assim a situação de muitas mulheres vítimas de violência ou que praticam atos violentos. Uma mudança é possível com a educação não formal, segundo Gohn (2010, p. 93), considerada um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania que trabalha com coletivos e preocupa-se com os processos de construção de aprendizagens e saberes coletivos.

No relatório sobre as mulheres encarceradas no Brasil (BRASIL, 2007), encontramos que 5% da população presa são compostas por: mulher, jovem, mãe solteira, afrodescendente e, na maioria dos casos, presa por tráfico de drogas. Por ser mulher, vários direitos são violados seja em qualquer papel que a mulher desenvolva na sociedade. Isso se acentua com as que estão encarceradas, envolvendo desde a desatenção aos direitos essenciais como a saúde, a vida e a reintegração social, como a educação, o trabalho e a preservação de vínculos e relações humanas. Este documento não mostra as ações que precisam ser feitas em relação às mulheres e nem se a instituição prisional oferece uma educação capaz de transformar sua realidade.

O suporte teórico sobre inteligência emocional se amparou nos contributos da produção de Goleman (1999) e Gardner (1993), com seus estudos sobre a teoria de inteligências múltiplas; porém, neste caso, nos detivemos na Inteligência Intrapessoal e Interpessoal que são complementares para o processo de socialização, de equilíbrio emocional e autoconhecimento. Abordamos, também, o trabalho de Casassus (2009) que, no seu livro *Educação Emocional*, entende a importância de se “conhecer o espaço emocional próprio e o espaço compartilhado como um passo necessário, anterior a qualquer intenção de transformação” (CASASSUS, 2006, p.38).

Realizamos uma busca no Banco de Teses da CAPES e em revistas científicas e encontramos cento e setenta e oito artigos relacionados ao tema inteligência emocional em diversas áreas; dentre eles, os que mais contribuíram para o nosso trabalho foram: “A Inteligência emocional e liderança Escolar “(RUIVO, 2015), artigo em que o autor faz a relação entre a inteligência emocional e seu impacto na vida escolar.

Buscamos, também, a temática específica relacionada a mulheres aprisionadas e encontramos nove artigos, envolvendo educação no presídio feminino, sendo que dois foram os que mais contribuíram para o nosso tema “Panorama da estrutura presidiária brasileira” (CARTAXO, 2013), estudo realizado no sistema integrado de Informações penitenciárias, no qual se analisou a estrutura carcerária brasileira do perfil do apenado. Outro artigo relevante foi “O significado e a vivência do abandono familiar para a presidiária” (JESUSA, 2015). Concluiu-se, nesses estudos, que para as entrevistadas a família representa um importante suporte afetivo e um elo social. E quando há o abandono, este resulta em sofrimento, angústia e desânimo, provocando um comprometimento em sua autoestima, dificultando o uso de sua inteligência emocional para compreender o porquê de a família tê-las abandonado e como podem sair dessa situação.

Diante do levantamento bibliográfico realizado, verificamos que não há um trabalho específico que envolva os dois temas: inteligência emocional e mulher privada de liberdade. Com isso mostramos a relevância e o desafio de nosso trabalho de pesquisa que traz contribuições da educação para a construção da inteligência emocional de mulheres presidiárias na cidade do Recife, sendo este tema relevante para o conhecimento acadêmico e para de consulta de pesquisadores.

## **Pensar sobre si é educar-se em permanente processo de formação humana**

Não existe vida sem inquietações. Quem não se inquieta, não se questiona, não se desassossega internamente não se modifica. A educação deve ter esse papel de desalojamento de si mesmo. Não pode ser apenas algo para memorizar conhecimentos, mas muito mais além. Educar é ter cuidado com a vida do outro em diversos âmbitos. É proporcionar diversas experiências e mostrar nossa frágil condição humana e, também, mostrar que vivemos em constante interação com outros seres, sejam pessoas, animais, ar, água, terra, pedra, flores; somos todos natureza, somos um só. Enquanto vivermos despartados uns dos outros, vamos

tateando no escuro em busca de entender o que somos e o que estamos a fazer nesta grande pedra chamada Planeta Terra.

Não é fácil ser harmônico o tempo todo, segundo Batoloso (2001). Estamos diante de uma crise que é, ao mesmo tempo, externa e interna. Externa enquanto afeta as condições materiais de nossa existência e a vida no planeta. E interna por que se relaciona estreitamente com nossa natureza humana e nossa forma de construir conhecimento e sentido. Batoloso(2001) sabiamente diz que:

[...] É a educação especialmente em todas suas instituições formais e não formais, privadas ou pública, presenciais ou virtuais, a que corresponde assumir a responsabilidade de construir uma “ecologia de saberes”, tendo como fim e meio a aprendizagem e o ensino da condição humana, já que do contrário, dificilmente poderemos manifestar no cotidiano e concretizar que outro mundo é realmente possível e necessário. (BATOLLOSO, 2001, p. 150)

É importante ter um conhecimento diversificado e assumir a responsabilidade de atuar no mundo. Os educadores e educadoras têm sido relevantes na vida de seus alunos, ensinando de maneira prática o que a educação representa de fato, mostrando o sentido da vida e trazendo conscientização do que é ensinar a condição humana. Diz Batoloso (2001) que educar não é um processo de transmissão, nem sequer o exercício que não está nas condutas testemunhais e sim num processo de autoaprendizagem. Ou seja, uma ação permanente para o autoconhecimento.

O autoconhecimento favorece o entendimento de seus potenciais e fragilidades, e também nas tomadas de decisão. E é necessário que o ser faça sempre a reflexão pela busca de conhecer a si mesmo. Quando temos consciência de nossas emoções nos fica mais fácil perceber os momentos de alegria como também os de tristeza. Não ficar paralisado sem reação diante de algum momento de dificuldades, mas encontrar forças e analisar os fatos, se reerguer e desfrutar o melhor da vida.

A sensibilidade pode ser considerada como um processo de autorregulação no qual se é capaz de identificar as ações e consequências do nosso ato, assim como a do outro, o que vai desencadear uma resposta imediata que pode ser equilibrada, sensata ou não, dependendo da maneira com se aprende a lidar com a emoção. O ser deve ficar mais atento a tudo e todos e, principalmente, em relação a si mesmo e responder de maneira mais serena, pensando no vai dizer para não gerar um mal entendimento e, conseqüentemente, mais conflitos. Segundo Batoloso (2001), a educação emocional permite que alcancemos os seguintes objetivos: (i) reconhecer e identificar emoções e sentimentos em nós e nos demais; (ii) controlar, dirigir, manejar e conduzir nossas próprias emoções, sabendo diferenciar impulsos de necessidades,

desejos de apegos, ações de reações; (iii) dotar-se de procedimentos psíquicos e habilidades capazes de gerar pensamentos positivos, energéticos e produtivos, caso contrário, haverá perturbação, culpabilidade e baixa autoestima; (iv) ser capaz de buscar fonte de motivação, de produzir nossos próprios fins objetivos e projetos, criar novas possibilidades de desenvolvimento pessoal.

A educação não deve ter a pretensão de tudo resolver no âmbito do que é humano, mas deve se constituir em um dever, oferecer o máximo possível de condições para o amadurecimento e autonomia do sujeito. Educar deve ter um sentido pleno de humanidade e acreditar na educabilidade de todos os seres humanos, independente de sua condição existencial. O professor tem um papel preponderante nesta direção porque é ele que possibilita a arte do encontro com o outro ser diante de si. Portanto, o presídio deve ser um lugar de garantia da vida com garantias de manutenção da saúde, da educação e da dignidade da pessoa humana. Educar no sentido descrito acima é cuidar para que a dignidade e o direito do apenado sejam assegurados.

A Lei de Execução Penal brasileira (lei n. 7.210\84) tem como princípio que a prisão deve oferecer condições para a integração social da pessoa sentenciada e aprisionada, com direito à assistência jurídica, social, religiosa, educacional e colaborar com o retorno do preso à convivência social. Porém, as condições carcerárias no Brasil são reconhecidamente precárias no sentido material e violentas em suas relações interpessoais (VARELLA, 2017). Embora reconhecendo esta realidade, acreditamos que a educação, por mínima que seja, pode mexer com a experiência subjetiva das pessoas e, talvez, ajudá-la a tecer outros caminhos para vida.

### **A construção da inteligência emocional como tessitura para a vida**

Conforme Goleman, (2011), a inteligência emocional é a combinação das competências sociais; é a capacidade de se conectar com próximo, com a sociedade. Competência pessoal é a capacidade de se conectar de maneira harmônica consigo mesmo.

Embora a primeira formulação do conceito que hoje chamamos de inteligência emocional tenha sido desenvolvida por Peter Salovey e John Mayer (1990), na época, o critério de inteligência eram os testes de Quociente de Inteligência, usados como critério de excelência. Goleman (2011) utiliza o conceito de Inteligência Emocional, mostrando que a mesma determina o nosso potencial para aprender a lidar com a frustração, perdas e momentos tenebrosos na vida. Essa competência emocional mostra quanto desse potencial dominamos de maneira que se traduza em capacidade de um bom relacionamento pessoal e/ou profissional.

Este conceito não foi criado única e exclusivamente para a educação; no entanto, é muito utilizado, porque em qualquer esfera em que haja um ser humano, ele precisará usar de maneira consciente a razão e a emoção para ter êxito numa tomada de decisão. E mesmo que a pessoa tenha agido de maneira contrária aos padrões sociais, sujeitas às penalidades previstas em lei, sempre haverá a possibilidade para um recomeço. Voltar atrás, fazer uma autoanálise. Dar continuidade a sua história e trajetória, procurando tornar-se um ser humano equilibrado em sua maneira de agir.

No quadro abaixo há algumas características que definem inteligência emocional.

| <b>Característica de uma pessoa inteligente emocionalmente</b> |  |
|--|--|
| 1-Conhece suas emoções   | Conhece, analisa suas ações e emoções em resposta ao estímulo recebido.                        |
| 2-Sabe lidar com as emoções                                    | Aprende a lidar com a emoção e se mantém equilibrada os momentos de tensão.                    |
| 3- Automotivação   | Sua motivação não vem de algo externo. Agi de maneira consciente.                              |
| 4-Empatia  | Sabe se colocar no lugar do outro e reconhece emoções e comportamentos.                        |
| 5- sabe relacionar-se interpessoalmente                        | Sabe ter boas relações e guia as emoções dos outros criando um ambiente positivo em sua volta. |
| 6. Gestão do estresse  | Controlar os níveis de estresse ruim e gerar mudanças em si                                    |
| 7. Controle de impulsividade                                   | Controlar a impulsividade e saber adiar as satisfações.  |
| 8. Autoestima  | Ter uma boa avaliação de si mesma enquanto pessoa ver qualidades em si.                        |

**Fonte:** *Inteligência Emocional* (Goleman, 2011)

Havendo equilíbrio na maioria destes aspectos, poderemos nos reestruturar, apesar das situações extremas, difíceis que vivenciamos.

Para Howard Gardner (1983), a inteligência não deve ser medida por que não existe apenas um tipo, mas sete tipos: inteligência linguística; lógico-matemática; musical; espacial; corporal; sinestésica; interpessoal e inteligência intrapessoal. A inteligência espiritual é mais um tipo de inteligência a qual Gardner (1983) tem-se

dedicado a investigar.

Para a pesquisa em tela, destacamos a Inteligência Intrapessoal que, segundo Gardner (1983), possibilita ao ser humano conhecer-se e estar bem consigo mesmo, além de administrar suas emoções para desenvolver a autoestima, mas também reconhecer suas limitações, medos e utilizar de maneira eficiente o conhecimento adquirido com as experiências, sejam elas boas ou não.

Goleman (2011) afirma que o campo da neurociência afetiva explora como as emoções são reguladas pelo cérebro e que fomos feitos para nos conectarmos, o que ele chama de inteligência social. Outra descoberta interessante da neurociência é que nosso cérebro tem um *designer* propício a ser sociável. Quando uma pessoa se entrosou com outra, ocorre uma ligação neural capaz de afetar o cérebro, preparando-o para viver as emoções que podem ser desejáveis ou não. A interação social faz a regulação da função cerebral com os sentimentos que podem resultar em mudança hormonal, atingindo o biológico, o físico e emocional da pessoa. De acordo com Goleman (2011, p.127), “surpreendentemente, portanto, nossos relacionamentos moldam não apenas a nossa experiência, mas também a nossa biologia”. A ciência hoje é capaz de monitorar a conexão entre os relacionamentos mais estressantes e o funcionamento dos genes que regulam o sistema imunológico.

A inteligência social revela a importância dos relacionamentos construtivos para interações mais saudáveis. Às vezes, pessoas estão próximas a outras, mas vivem um isolamento social intenso, principalmente nessa era da tecnologia em que as pessoas preferem o virtual à interação pessoal. A conectividade excessiva tem atrapalhado a vida social de muitas pessoas que, muitas vezes, estão em casa com a família, mas ausentes em relação à interação familiar.

As vivências humanizadoras estão presentes nas relações educativas em espaços escolares ou não escolares - ou deveriam estar-, pois o aprendiz é um ser integral e não apenas cognitivo, sendo a humanização é necessária para que se possa olhar o outro como um ser integral, passível de erros e de acertos, e em constante transformação. A reflexão da filosofia da alteridade ou a ética como filosofia de Emmanuel Levinas mostra que a relação educativa se dá ao ensinar-aprender-ensinar, tanto por parte do educador quanto do educando. É um momento de troca de conhecimento que possibilita ao educador desenvolver a capacidade de olhar o outro no processo relacional, observando as diferenças, pensamentos, atitudes, maneira de assimilar conteúdos e situações do outro; por isso, não é se impondo ao outro que se consegue o objetivo esperado. É necessário se colocar no lugar do outro, de modo a perceber como ele raciocina naquela situação e propiciar a ampliação de sua visão.

A ética da alteridade, conhecida na filosofia contemporânea (LEVINAS,

1994) como filosofia primeira, passa pelas rupturas e desconstrução, mostrando a ética como um caminho a ser modificado. É uma relação entre humanos na qual o EU não prevalece sobre o outro, início do caminho da humanização. Todo o autoconhecimento e toda a capacitação que o ser tenha devem ser canalizados para o outro. O estatuto da alteridade é a responsabilidade pelo outro e a maior demonstração de amor do ser, por seu semelhante, tendo Deus como maior referência de amor:

As relações interhumanas independem de toda a comunhão religiosa, no sentido do termo, constituem em todo o caso, uma ação litúrgica suprema, autônoma em relação a todas as manifestações da piedade ritual. (...) Cabe ao homem salvar o homem. (LEVINAS, 1994, p. 182-183)

Para Levinas (1994), o outro é a voz de comando e por ele se inicia o caminho para a humanização de todas as relações. O referido autor tem nos escritos do decálogo a sua inspiração “Não matarás” ou não reduzirás o outro à ideia, trazendo a questão da responsabilização pelo outro no exemplo de Caim que mata seu irmão Abel. Quando questionado sobre o seu irmão, ele responde: “Sou eu guardador do meu irmão?! Ou seja, eu sou responsável por ele. Em sua pergunta já há uma afirmativa... Sim todos somos responsáveis uns pelos outros.

A relação educativa é encontro de pessoas e a exposição face a face. Na perspectiva levinasiana, a ideia de corpo e rosto, o primeiro como uma morada e o segundo como o que pode ser compreendido. É fácil verificar quando o assunto em sala de aula não está sendo compreendido; geralmente as pessoas mostram em seu rosto a dúvida, o medo ou até mesmo a resistência.

## **Procedimento metodológico**

Esta pesquisa, em função da própria natureza do fenômeno e da escolha teórica, foi qualitativa e utilizou como procedimentos metodológicos a pesquisa documental, entrevista e observação. A análise dos dados teve como referência os objetivos específicos que orientaram cada uma das etapas de coleta de dados. Os dados ‘brutos’ obtidos a partir das análises dos materiais foram submetidos a análises de conteúdo, passando por processos de descrição, inferência e interpretação (BARDIN, 1977).

Nosso campo de pesquisa foi numa colônia prisional feminina da cidade do Recife-PE. Por se tratar de uma instituição de segurança, tivemos que submeter os documentos necessários para cada setor responsável. Os sujeitos da pesquisa foram 6 (seis) mulheres privadas de liberdade, as quais chamaremos de Pessoa Privada de

Liberdade (PPL), PPL1, PPL2,...até PPL6, que estavam matriculadas e cursando as EJA Fase I, II, III e IV, na escola do próprio presídio.

O critério de escolha dos sujeitos se deu de acordo com as observações que foram feitas na sala de aula. Não foi definido previamente o perfil das mulheres que seriam entrevistadas, mas foi considerado o seu procedimento em sala de aula, a receptividade em relação aos estudos, as atitudes e falas, além de suas percepções sobre a educação enquanto fator de contribuição para um melhor convívio social.

Para verificarmos como as alunas privadas de liberdade da instituição pesquisada interagem nas aulas, seus comportamentos e posicionamentos, tivemos como foco observar: 1) como as alunas interagem com a professora e entre si; 2) como se comportavam diante de um tema polêmico e atual, na interferência de sua fala por outra colega; 3) como os conteúdos eram abordados e se provocavam questionamentos/interesse nas alunas; 4) como é o ambiente de interação antes e após as aulas entre as alunas.

Estas questões foram as norteadoras para a compreensão do fenômeno da relação que havia (se havia) entre educação em sala de aula e a construção da inteligência emocional, apesar do ambiente adverso que é o contexto carcerário.

### **A importância da educação no processo de busca para o autoconhecimento e mudança de atitude.**

Em relação ao perfil das participantes da pesquisa, das seis mulheres entrevistadas, cinco foram presas por motivo de tráfico de drogas, por vender, ou guardar para algum conhecido e uma delas se encontra na prisão devido ao envolvimento referente a um homicídio. Suas idades variam entre 25 a 41 anos. Em sua maioria, a relação antes com a educação havia acontecido no período da infância e adolescência, porém só agora se reaproximaram dos estudos. Estudar, para a maior parte delas, é uma forma de sair da cela. De acordo com as falas das mulheres, a sala de aula proporciona a elas mais valorização e respeito como seres humanos. São pessoas de origem econômica de renda baixa, oriundas dos extratos sociais encontrados nas periferias urbanas, baixa escolarização e escasso preparo para o mundo do trabalho, o que não deixa de ser um fator a considerar para a ação criminal. Não é um destino, mas uma possibilidade. Uma das entrevistadas afirmou sobre a sua situação:

Eu sinto vergonha das coisas que eu fiz. Eu deixei um rastro que não foi bom. Quando eu fui presa, os policiais entraram na minha

casa, me algemaram, disseram coisas horríveis com a minha mãe (ela nem sabia que eu estava envolvida com tráfico de drogas), na mesma hora ela teve um infarto e meus filhos presenciaram toda a cena, ficaram gritando, querendo me abraçar e eu também assustada e chorando. Deus me colocou aqui pra eu mudar, e me deu uma nova oportunidade pra eu mudar. O mundo do crime não tem nada de bom pra dá, não compensa. Dinheiro e fama não trazem nada, só inimizade, intriga e ódio. (PPL2, 2018)

Diante do exposto, podemos perceber que a PPL2 analisa com mais nitidez o que aconteceu para que ela estivesse ali na condição de privada de liberdade. Envergonha-se do que fez e agora está afastada de seus filhos, da mãe, e seu casamento acabou. O marido dela casou-se novamente, com outra mulher, deixando seus filhos com a mãe dela. Na observação, a professora comentou sobre ela, porque, no início do ano, ela era muito arisca, agressiva e desrespeitosa. E hoje está vivendo uma reeducação interna, buscando reequilibrar-se emocionalmente para enfrentar o desafio diário do ambiente da prisão e da prisão emocional em que está.

Em relação aos momentos de trocas em sala de aula, o momento formativo no qual todos estão em sala de aula propicia trocas de experiências, mesmo sem elas se darem conta, o que possibilita o desenvolvimento de maior compreensão entre si. Todas têm acesso ao material didático e à farda da escola da rede estadual. Quando estão participando da aula, há algumas que se sentem como se estivessem na rua levando seus filhos para a escola. Uma aluna narrou que não gosta de perder aula e que, antes de estar privada de liberdade, nunca havia ido à escola e agora tem aproveitado para aprender; antes, nem sabia escrever seu nome e agora aprendeu, e ficou toda orgulhosa em poder assinar os documentos que o advogado trouxe para ela:

Eu participo da escola, pra mim é a melhor coisa que aconteceu comigo, foi eu ter entrado na escola pra estudar. Eu nunca estudei quando eu era criança. Quando eu entrei aqui eu nem sabia escrever meu nome e agora já sei. Meu advogado agora me dá os papéis e eu assino meu nome (PPL 1, 2018).

Aprender a dominar a técnica de escrever é sentir-se com mais autonomia para atuar na sociedade, dá uma sensação de liberdade que se amplia ainda mais quando se aprende a ler. É outra dimensão da realidade que se descortina como uma escama que cai dos olhos e a pessoa começa a ver de maneira mais nítida tudo que está acontecendo em sua vida. No entanto, outra aluna quando questionada se participava de alguma atividade educacional e como se sentia ao executar essa atividade, respondeu: “Eu participo da EJA, para aprender e esquecer os problemas lá de fora e de estar aqui dentro”. (PPL5, 2018).

A resposta dessa aluna/PPL5 mostra que as aulas servem como válvula de escape. Qualquer lugar é melhor do que ficar trancada numa cela. Provavelmente, ela

ainda não apreendeu o alcance do quanto a educação pode contribuir para o seu processo de mudança.

Quando perguntado se elas estão vivendo uma reeducação interna, uma delas disse que ainda não está em condições de ir para rua, ou seja, sair da prisão: “Eu não tenho pressa de sair daqui agora. Eu estou bem mais segura aqui. Lá fora esta pegando fogo! Quando eu e meus amigos se juntavam era terrível”. PPL6, (2018)

Em suas colocações podemos perceber que ela ainda não está segura de sair da prisão, porém suas atitudes indicam que está em busca do seu autoconhecimento e que conhece suas emoções – características de quem está construindo a inteligência emocional. Ela entende que ainda não tem forças suficientes para dizer não às drogas, nem às amizades que a levaram à drogadição e ao furto. A mesma declarou que, quando está com seu grupo, praticando furtos, ela vai de frente porque tem uma boa conversa e envolve facilmente as vítimas.

Algumas mulheres encarceradas analisam a situação e dizem que estão preparadas para sair da prisão e afirmam que querem ter uma nova atitude, retomar a vida e reviver sua vida junto a sua família.

Percebo que hoje em dia estou pronta pra ir pra o mundo. No começo eu não estava pronta. Eu sei de tudo o que eu fiz de errado! Mas, quando eu sair daqui será tudo diferente, vou trabalhar e viver para meus filhos. (PPL4, 2018)

Não podemos saber se estas ideias estão mais no âmbito do desejo do que na transformação real, porém é um indício que desejam um novo sentido pra suas relações. Goleman (2011) mostra que uma das características de uma pessoa inteligente emocionalmente é conhecer suas emoções, mas é necessário também saber se manter equilibrado frente aos desafios da vida.

Encontramos no setor responsável pela educação carcerária um livreto informativo sobre Orientações para elaboração de resumos e resenhas como forma de favorecer a remissão de Pena que se dá pelo trabalho, pelo estudo e agora também pela leitura.

A remissão de pena, ou seja, o direito da pessoa privada de liberdade, bem como de cumpridores de pena, abreviar o tempo imposto em sua sentença, pena pode correr mediante trabalho, estudo e, de forma instituída mais recentemente, pela leitura conforme orientação emitida pela Recomendação n 44/2013 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). A remição de pena, prevista pela Lei n. 7.210/84 de Execução Penal (LEP), está relacionada ao direito de individualização da pena, assegurada pela constituição Federal. (PERNAMBUCO, 2017, p.7)

Pudemos perceber que a leitura também possibilita abreviar o tempo da pessoa na prisão. Para isso se solicita que façam resumos (se tiver o Ensino Fundamental completo ou incompleto) ou uma resenha (se estiver o ensino médio). Para ter direito, a pessoa precisa se inscrever, e o faz de forma voluntária, sem obrigatoriedade. Nesse caso, a leitura é utilizada como experiência prazerosa sem cobranças de escrever sobre o que está lendo, ou seja, não é exigido um produto final dessa atividade. É impressionante o que acontece quando se sabe ler, porque é possível rir de algumas situações engraçadas, ou mesmo chorar. A pessoa usa a imaginação e por uns instantes, nem se fixa na situação que se encontra no momento.

Entende-se que esta leitura específica pode influenciar no modo de agir, pensar, ampliar vocabulário e, com isso, melhorar a interação com as pessoas; porém, também levantamos a possibilidade que uma leitura desta natureza traz implicitamente um teor moralista, de condução do comportamento, desconsiderando a precariedade social, as condições anômalas em que vive a maioria do povo brasileiro, com grandes deficiências para o bom atendimento na saúde, na educação, na segurança pública, apesar dos altos valores de impostos coletados.

### **As mulheres privadas de liberdade conseguem agir de maneira mais pacífica mesmo vivendo em ambiente hostil?**

As mulheres que foram entrevistadas, assim como as que estavam presentes na sala de aula que observamos, demonstraram um agir diferente, valorizando os momentos de conversa, a realização de atividades educativas em conjunto, ouvindo mais e se fazendo ser ouvidas.

Na sala de aula elas estavam mais atentas ao conteúdo ensinado, interagindo entre si, ajudando-se mutuamente, favorecendo o direito ao espaço de cada uma, como o propósito de alcançar a liberdade não só física, mas mental, porque se alguém está em constante pressão psicológica ficará atormentado e sem resolver a situação. A educação está contribuindo para que elas reflitam sobre os seus atos. Segundo Damásio (1999, p. 361), os dispositivos da consciência tratam do problema de como um organismo individual pode enfrentar os desafios do ambiente não previstos no seu projeto básico, de tal modo que o organismo possa sobreviver.

É perceptível a diferença entre as que PPLs que estudam e as que não estudam. Primeiro a questão das vestimentas. As que estudam precisam usar a farda que é distribuída pelo governo do estado, além de que, na sala de aula, há algumas regras para participar das aulas como, por exemplo, a questão de roupa considerada adequada para estar em sala de aula. O respeito mútuo precisa prevalecer e quem está

frequentando as aulas já demonstra o interesse em fazer parte daquele grupo se esforça para atingir os critérios impostos.

A sala de aula é o lugar onde elas libertam suas mentes, escrevem algum texto ou mesmo copiam do quadro. Algumas desenham e isso é uma forma de escape. Ao desenhar, a pessoa pode usar a criatividade e ampliar seu olhar em relação àquele espaço tão propício à agressividade. As mulheres que conseguem uma vaga na sala de aula podem se sentir privilegiadas, pois têm mais chance de mudar e ter um olhar mais inclusivo, além de novas perspectivas.

Nos relatos pudemos perceber que há mulheres que usam de atitudes positivas que aprenderam na sala de aula para viver em melhor harmonia com as demais. Uma delas falou que, ao entrar na cela e ver amigas conversando, pede licença. Se algumas dizem que não é necessário, responde que quer colocar em prática o que está aprendendo.

## Considerações Finais

Quando analisamos o que vimos e ouvimos de nossas entrevistadas, consideramos que a educação não resolve todos os problemas do mundo, mas pode ajudar a pessoa a ter um senso crítico mais apurado e desenvolver melhores estratégias para viver nesse mundo tão hostil. Por isso o olhar diferenciado de teóricos como Emmanuel Levinas que realça a educação vista pela ética da alteridade;

A educação é relação ética, é acontecimento ético, dialógico e responsabilidade pelo outro. O sucesso da ação educativa não está nos aspectos conteudistas, procedimentais e consequenciais impressos nos planejamentos curriculares, didáticos e avaliativos, mas nas relações interhumanos que precedem a tudo isso. (MELO apud LEVINAS, 2014, P.145)

Numa sala de aula, a relação entre humanos é perceptível quando há alguém que se comove com a dor do outro, quando a professora consegue passar, além do conteúdo, lições de vida, tanto de sua própria experiência quanto das alunas. O objetivo é que elas percebam que pequenas mudanças podem promover grandes transformações e que, mesmo inseridas num lugar hostil, podem pensar de maneira diferente e, conseqüentemente, agir de maneira que haja um bom convívio.

As histórias que ouvimos foram impactantes e nos fizeram parar para ver que, muitas vezes, a vida em famílias disfuncionais, a busca do prazer, a ambição em possuir dinheiro, bens, fama e poder a todo custo contribuíram para que essas mulheres estivessem na condição de encarceradas. Entretanto, parte deste comportamento é devido a uma sociedade que possui uma grande quantidade de

peessoas vivendo na periferia das oportunidades, principalmente no âmbito da educação. E a educação hoje serve como um elo para um novo viver, contribuindo para mudança de vida e de atitudes e ação, além de ampliar a visão global de tudo nos cerca para que se possa aproveitar as novas oportunidades que a vida oferece. Já afirmava Juan Batoloso (2006) que a relevância da educação para a formação humana dá-se primeiramente:

Quando se desenvolve a consciência como fonte de aprendizagem e ensino da condição humana, se converte, essencialmente, no desenvolvimento da sensibilidade humana que necessariamente tem que ser, ao mesmo tempo, cósmica, terrena, ecológica, social, cívica, política, corporal, mental e espiritual, ou seja, integradora no anel recursivo indivíduo-sociedade-natureza. (BATOLLOSO, 2006, p. 156)

A educação, para as entrevistadas, é vista como um elo para um novo viver e para mudança de vida em relação a novas oportunidades. Nossas escolhas nem sempre são as mais sábias. Nesse sentido, todas as falas foram relevantes, mas uma em especial mostrou vários aspectos que queremos destacar nesta finalização:

Sou solteira, tenho 24 anos e sou mãe de cinco filhos em idades de 10, 7, 5, 3 e 2 anos; uma mora com minha tia, uma com o pai e os outros três com minha mãe. Sou filha de pai advogado. Estudei em escola privada, saí de casa aos treze anos. Minha prima é minha advogada. Minha filha mais velha quer me visitar e minha mãe quer trazer algumas coisas, mas eu não quero que venham pois estão em fase de formação. Não quero que me vejam nessa situação. (PPL 6, 2018)

A fala dessa entrevistada é um sintoma de que ela está compreendendo a gravidade da situação em que vive, tendo consciência dos seus atos e de que prejudicou a si mesma e ao próximo.

A escrita das narrativas destas mulheres encarceradas não deu conta de contemplar totalmente as experiências de vida, os medos que trazem, a busca incerta para se tornarem pessoas melhores. Muita coisa não depende apenas do que queremos para nossa vida, mas de condições externas e internas que precisam ser mobilizadas constantemente; porém, a recomposição de quem são e de como cada uma irá trabalhar para a mudança de si depende, em parte, da qualidade da educação oferecida e da construção de si nas relações interpessoais, no acolhimento familiar, nas oportunidades que a sociedade pode gerar em termos de possibilitar a todas um lugar mais digno neste mundo.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATOLLOSO, Juan Miguel. Educação e condição humana. In: ALMEIDA, Maria da Conceição (org.). **Sete Saberes necessários à educação do presente**: por uma educação transformadora. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012, p. 149-184.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei número 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, **Lei n. 7210**. Institui a Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União, Brasília, 1984.
- CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: Editora Liber, 2006.
- CARTAXO, R. et alli. Panorama da estrutura presidiária brasileira. **Revista Brasileira Promoção da Saúde**, v. 26, n. 2, 2013.
- DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo; Atlas, 1995.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência social**: o poder das relações humana/ tradução Ana Beatriz Rodrigues- Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. In Daniel Goleman. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**: a Teoria na Prática Escolar. Porto Alegre Artes Médica, 1995.
- JESUSA et alli. O significado e a vivência do abandono familiar para a presidiária. **Ciência&Saúde** . 8(1, 2015, p. 19-25
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e São Paulo: Ed. Xamã, 2002
- MELO, Nélio Vieira de. **A escolha de si como escolha do Outro**: liberdade e alteridade em Sartre. Recife: INSAF, 2003 a.
- \_\_\_\_\_. **A ética da alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003 b.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. IN: LOPES, Eliane, M.T; Faria Filho, Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. (Orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte.: Autêntica 79 - 84 p.
- RUIVO, João. A Inteligência emocional e liderança Escolar. Aula. **Revista de Pedagogia de La Universitat de Salamanca**, vol. 21, 2015, pp. 233-245.
- SAYÃO, Sandro Cozza. Levinas entre nós. In: Sayão, Sandro; Costa, Paulo Sérgio; RIBEIRO, Leonardo Meirelles; NETO, Waldemir Ferreira Lopes; GRZIBOWSKI, Silvestre; CASTRO, Fábio Caprio Leite de; FARIAS, André Brayner de Farias; CARRARA, Ozanan Vicente; MENEZES, Magali Mendes de (Org.). **A filosofia**

**primeira de Lévinas e a relação educativa.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Ed. UFPE, cap. 1, p. 129-164.

SMOLE, Kátia C. S. **Múltiplas inteligências na escola.** Brasília. Ministério da Educação, Secretária de Educação a Distância, 1999.

VARELLA, Dráuzio. **Estação Carandiru.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

---

### **Sobre as autoras**

**Maria Sandra Montenegro Silva Leão** é Doutora em Educação. Professora e Pesquisadora na área de Educação e Filosofia, com ênfase em Espiritualidade e Formação Humana Integral - Universidade Federal de Pernambuco.

**Sebastiana Célia da Silva** é Pedagoga, professora da rede pública de ensino - Universidade Federal de Pernambuco.

**Silvana Freire** é Pedagoga, professora da rede pública de ensino - Universidade Federal de Pernambuco

*Recebido em: 11 de julho de 2018*

*Aceito em: 25 de maio de 2019*